

ENTREVISTA EXCLUSIVA - ANA ESTELA HADDAD

Tarcísio congela verba contra violência à mulher e feminicídio sobe em SP, diz Ana Estela Haddad

Esposa do candidato ao governo de SP, Fernando Haddad, concedeu entrevista exclusiva ao CM

Por **Moara Semeghini**

A professora titular do Departamento de Ortodontia e Odontopediatria da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo (USP), Ana Estela Haddad, esteve em Campinas e cidades da região nesta terça-feira (15), liderando a Caravana das Mulheres com Lula e Haddad, ato e caminhada em defesa dos direitos das mulheres. Além do município campineiro, a mobilização passou por Araras, Limeira, Santa Bárbara d'Oeste e Americana, integrando a coordenação da campanha no estado de São Paulo por meio de articulações conjuntas com lideranças políticas e da sociedade civil. Em Campinas, Ana Estela esteve na pizzaria Monte Bello, no bairro Bosque, onde recebeu a reportagem para uma conversa exclusiva.

Casada desde 1988 com Fernando Haddad (PT), candidato ao governo de São Paulo, Ana Estela destaca a crescente vontade das mulheres de se posicionarem, declararem voto e participarem ativamente da vida política, pública e social. Para ela, a expressiva receptividade do público feminino nas ruas reforça a urgência de reunir e dar voz às mulheres neste momento político.

Há cerca de um mês, ela solicitou ao ministro da Saúde, Alexandre Padilha, sua exoneração do cargo de secretária de Informação e Saúde Digital do Ministério da Saúde para assumir a coordenação da campanha do presidente Lula em São Paulo. O movimento ocorre logo após a conquista do Prêmio 100 Mais Influentes da Saúde 2026 na categoria Tecnologia e Inovação, sua terceira premiação consecutiva pela modernização do SUS, consolidação da Rede Nacional de Dados em Saúde e expansão do Meu SUS Digital. Na entrevista a seguir, Ana Estela ressalta a força dessa escuta coletiva, faz um balanço do seu trabalho à frente da transformação digital da saúde no país e faz duras críticas à atual gestão do governo paulista, apontando a falta de prioridade no combate à violência e ao feminicídio.



EDUARDO OGATA

Ana Estela Haddad, esposa do candidato ao governo de São Paulo, Fernando Haddad, falou ao Correio da Manhã

CM: Como você avalia a importância e o papel da participação das mulheres nestas eleições?

ANA ESTELA HADDAD: Temos andado por todo o estado, seja na capital, no interior ou na Baixada Santista, e sentimos, nas mulheres em especial, uma vontade muito grande de participar mais da vida política, de se posicionar, de declarar o voto, de militar e de participar realmente do processo. Percebo que, quando as mulheres veem outras mulheres no espaço político, cria-se uma conexão direta, elas vêm e querem vir.

Então, nesse sentido, os dois projetos de país, e também para o estado de São Paulo, que estão em jogo, são projetos diametralmente opostos. Um deles é a favor das causas femininas, o outro é totalmente contra. As mulheres que têm essa sensibilidade estão percebendo, entendem que a gente está

defendendo a nossa democracia. E a soberania do nosso País que está em jogo.

CM: Quais são as principais diferenças que você observa entre os projetos políticos em disputa no estado de São Paulo, especialmente em relação à pauta feminina?

ANA ESTELA HADDAD: Vou citar uma coisa simples. Em São Paulo, Tarcísio cortou o orçamento da Secretaria de Mulheres, destinado ao enfrentamento à violência contra a mulher. Agora ele resolveu anunciar um aplicativo, mas por que teve quatro anos e não fez nada antes? O que é um aplicativo isolado? As 18 delegacias da mulher em SP não ficam abertas nos horários em que a violência mais acontece.

Enquanto no resto do País estamos vendo uma diminuição dos feminicídios e a estruturação de um processo

“*A participação feminina pode decidir as eleições. As mulheres entendem que estamos defendendo a democracia e soberania nacional*”

Ana Estela Haddad

“*As 18 delegacias da mulher em São Paulo estão fechadas nos horários em que a violência mais acontece*”

Ana Estela Haddad

número de feminicídios aumenta, enquanto no resto do país diminui.

Enfim, nesta situação tão cara que é a violência, esta é a situação em SP. Na educação, saúde, segurança pública: a gente precisa virar esse jogo.

CM: Qual balanço você faz do seu trabalho na saúde pública nos últimos anos e quais avanços destaca no processo de transformação digital do SUS?

ANA ESTELA HADDAD: Nestes três anos e meio na gestão federal, primeiro com a ministra Nísia Trindade e depois com o ministro Alexandre Padilha, ficamos encarregadas de criar a Secretaria de Informação e Saúde Digital e coordenar a transformação digital do SUS. Trabalhamos na estruturação e expansão de uma plataforma de interoperabilidade, a Rede Nacional de Dados de Saúde. Hoje temos sistemas, prontuários eletrônicos com padrão de troca de informação integrado. Isso faz com que, por exemplo, o usuário do SUS, no aplicativo Meu SUS Digital, que é um aplicativo gratuito e já tem mais de 70 milhões de downloads, faz com que o usuário tenha o acesso ao seu prontuário, ao seu histórico clínico atualizado.

O próprio profissional de saúde também acessa pela plataforma de interoperabilidade, através do SUS Digital Profissional, os dados do paciente que ele está atendendo, não importa onde ele está atendendo.

Então, a gente rompe esse limite e essa limitação de lugar, do prontuário estar em um determinado e ele agora está disponível onde for necessário, com os dados do paciente integrados. Isso leva a um atendimento contínuo, com qualidade, com segurança.

E a Telessaúde vem junto e se integra para a gente levar o processo assistencial para as regiões onde a gente tem vazio assistencial, onde o cuidado especializado, às vezes, pode não estar chegando. Então, muita coisa está sendo feita para melhorar a saúde no SUS.

de acolhimento às mulheres em situação de violência, com a capacitação de profissionais de saúde, em São Paulo vemos o contrário: delegacias fechadas e o número de feminicídios aumentando.

Criamos no meu SUS Digital, pelo Ministério da Saúde, um canal para a mulher acionar e ter como ser direcionada para o atendimento, teleatendimento, acolhimento profissional. Então, tem todo um trabalho também muito conduzido pela primeira dama, Janja, que tem tomado para ela a causa da violência contra a mulher de uma maneira intersetorial. Estamos estruturando um sistema de informação, de monitoramento do agressor. Tem muitas medidas sendo tomadas para coibir a situação de violência contra a mulher, que muitas vezes termina no feminicídio. E em São Paulo é o contrário, as delegacias fechadas. Hoje o